



18 de setembro 10h PROTÓCOLOS DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL PÓS-PANDEMIA

Transcrição – MESA 4

Protocolos de produção audiovisual pós-pandemia

Link da mesa: <https://www.youtube.com/watch?v=xDCmhQtzFfs&list=PLkcaFk7ukgQ3TXCZ56Y91pusYhUt0nuB6&index=2>

Integrantes da mesa

Caio César Loures (UFRJ)

Otávio Chamorro (Associação Brasileira de Cinema e Vídeo)

Dra. Geórgia Cynara (UEG)

Geórgia Cynara: “Bem-vindos a última manhã da nona SAU. Esse evento que é tão precioso para nós do curso de cinema e audiovisual. Eu sou a Geórgia Cynara, professora do curso, e hoje nós vamos falar então de como é possível retomar a produção audiovisual nesse cenário de apocalipse, minha gente! O que a gente faz? Como proceder? Então, tem aí alguns profissionais no Brasil, que tem estudado, pesquisado protocolos redigidos e aprovados no mundo, para poder dentro dos seus sindicatos, dentro das suas associações, pensar em como é possível voltar a produzir com segurança e como esses novos protocolos impactam na criação dessas novas obras. Então para conversar com a gente sobre isso hoje [...] Caio César Loures é diretor adjunto de operações e tecnologias do núcleo de rádio e TV da Universidade Federal do Rio de Janeiro, graduado em tecnologias da gravação e produção fonográfica pela universidade Estácio de Sá, pós graduando no MBA em TV digital, radiodifusão em novas mídias de comunicação eletrônica pela Universidade Federal Fluminense. Atua desde 2006 em captação de som e edição de áudio para cinema e audiovisual, produção fonográfica, teatro e artes visuais. É ainda membro efetivo do fórum do Sistema Brasileiro de TV digital terrestre. Desenvolve pesquisa em captação de som para realidade virtual, difusão sonora imersiva interativa. Bem-vindo, Caio! Muito obrigada pela sua participação!”

Caio César Loures: “Bom Dia.”

Geórgia Cynara: “Bom dia! E agora o Otávio Chamorro, que é roteirista e diretor, com programas exibidos na CNN, canal Futura e Terra Viva. Em 2020, lançou a quarta temporada do Reality Show Arte na Fotografia no Arte 1, é um dos vencedores do terceiro Netlabtv, com a série Call Center. Exibiu seus quatro curtas-metragens em mais de 100 festivais internacionais, tendo recebido prêmios de melhor roteiro de direção. É sócio da Apoteótica Cinematográfica, produtora especializada em conteúdo LGBTQIA+ e membro da Associação Brasileira de cinema e vídeo. Bom dia Otávio, muito obrigado pela sua presença.”

Otávio Chamorro: “Eu que agradeço, bom dia! Muito prazer estar com vocês hoje!”

Geórgia Cynara: “Então, para começar a falar um pouquinho sobre as pesquisas em protocolos internacionais e como essas pesquisas foram adaptadas, incorporadas a novos procedimentos, no Rio de Janeiro especificamente. Vou convidar então o Caio para começar. Tudo bem, Caio? Vamos lá?”

Caio César Loures: “Perfeito. Vou dar um pouco o panorama, de como foi o histórico... A gente teve, assim que a OMS declarou a Pandemia, algumas produções grandes que estavam ocorrendo foram logo interrompidas. Mas algumas menores ainda continuaram e os sindicatos então passaram a não aceitar os



18 de setembro 10h PROTOCOLOS DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL PÓS-PANDEMIA

registros dos contratos de produção, até que houvesse uma definição. Logo em seguida as prefeituras também decretaram a quarentena. Também já não estavam autorizando as filmagens externas e nessas autorizações... Então nesse processo os sindicatos começaram a se organizar já em março, para elaborar protocolos, planejar essa retomada em fases. Esse processo começou a partir justamente da pesquisa em outras experiências internacionais, a pandemia chegou antes nos outros países, né? A partir daí, os sindicatos se organizaram também junto com as associações de categorias de profissionais e elaboraram uma proposta, que foi amplamente discutida e negociada entre as partes patronais, as partes laborais. Então nesse momento, o acordo possível foi apenas nas questões sanitárias. Ainda não aceitava mexer muito em questões trabalhistas, não era o momento de mexer nisso. A organização dos sindicatos aqui no Brasil é interestadual, tem o Sicav que representa São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins e Distrito Federal. Tem o STIC, que representa a maior parte do país, do Rio ao Acre. Tem o Sintracine, que representa Santa Catarina e o Sated que ainda representa o audiovisual do Paraná. Isso da parte laboral. Já na parte patronal, tem o Sicav, o Siaesp, a Apro, o Spcine e o Santacine, o qual cobrem também toda a territorialidade do país. Então foram acordos separados, os protocolos são muito parecidos porque os sindicatos estavam trocando desde o início, mas há pequenas diferenças que foram devido a essas negociações que ocorreram separadamente. Mas logo no início de maio, houve uma publicação de uma produtora de São Paulo, que atropelou todo o processo, e então houve uma rápida reação dos sindicatos, com notas de repúdio e questionando essa atitude unilateral. Mas esse protocolo foi feito sem nenhum respaldo, era apenas dessa empresa produtora, mas não havia permissão, os sindicatos não autorizariam as filmagens... Enquanto não houvesse um protocolo oficial. Nesse processo algumas prefeituras também se basearam nessas propostas e começaram a publicar os seus decretos municipais. Se não me engano, a prefeitura de Florianópolis por a primeira em 28 de Maio, seguida de Rio Grande do Sul. Depois a prefeitura do Rio, fez em 23 de Junho, em seguida a de São Paulo em 9 de julho. Esses protocolos das prefeituras são bastantes reduzidos, né? Só como comparação, os nossos protocolos, dos sindicatos tem cerca de 70, 80 páginas e os decretos que saíram nos diários oficiais dos municípios tem uma ou duas. Então eles são apenas as medidas mais específicas... Não tão específicas, né? As medidas mais gerais que as prefeituras estabeleceram para liberação das atividades econômicas. Alguns governos de estado também fizeram publicações, mas isso ainda em uma fase inicial. Os protocolos foram definidos entre as fases. Nessa fase inicial permitia apenas as filmagens remotas, deslocamentos mínimo de equipe e todas as medidas de biossegurança, inclusive privilegiando cenas que fossem em família, ou atores que já residem juntos. Evitando cenas de interação ou qualquer contato direto, entre elenco. Até que os governos liberassem, mas logo quando saiu essa primeira publicação do decreto, em Florianópolis então os sindicatos começaram a liberar o que seria a fase dois do protocolo. Que já previa um aumento intermediário, da flexibilização, com novas medidas, um pouco menos restritivas, mas mantendo o distanciamento social e que impõem várias questões desde o roteiro. Desde o planejamento da produção, passando pelo roteiro, para viabilizar que as produções ocorressem com essas medidas de segurança. Então como eu estava falando, tem pequenas diferenças entre eles. O protocolo de São Paulo, por exemplo, ele permitia o uso de máscaras comuns e não exigia a testagem de toda a equipe. Tinham algumas restrições, por exemplo, no campo do som, nós incluímos no protocolo, nas regiões do sindicatos, algumas questões específicas, por exemplo, a exigência que o técnico de som participasse das visitas de locação, de todo esse planejamento, inclusive para pensar as medidas de segurança específicas do campo do som. Isso no protocolo Stic/Sicav, no de Santa Catarina não estava previsto. Como também a validação dos equipamentos dos equipamentos de usos individuais fossem adquiridos pela produção para o



18 de setembro 10h PROTÓCOLOS DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL PÓS-PANDEMIA

trabalho de som, por exemplo, os fones, de retornos... Isso também no nosso protocolo ficou atrelado ao profissional de som essa avaliação. Então são essas pequenas diferenças, mas a testagem, por exemplo, foi uma questão muito importante que entrou no nosso protocolo Stic/Sicav. Mais recentemente, agora em agosto o Sindcine, junto com o patronal São Paulo, incluiu essa recomendação, que houvesse testagem e na necessidade de participação de um elenco externo, que houvesse também a previsão de quarentena, isolamento até o início das filmagens. Então a maioria do Brasil, já nos encontramos na fase dois, porque a maioria dos governos liberaram a atividade, mas os sindicatos tem ainda essas recomendações, que não são lei, uma vez que os decretos já foram superados, dessa primeira fase... Mas o acordo entre os sindicatos patronais e laborais vale para toda a categoria, né? Então as produtoras devem observar essas regras e estamos em um momento também de pensar o que seria uma fase 3, após a liberação total, mas prevendo ainda algumas medidas de segurança, porque, como dizem, a 'nova normalidade', né? Então, algumas práticas já não serão possíveis, ainda que a doença esteja controlada, mas... A gente pode entrar em questões mais práticas, né? Dos cuidados e das medidas, no debate também... Acho muito importante termos aqui o Otávio, que tem muito a contribuir nessa questão do roteiro, que o maior desafio, né? Como adaptar um filme, para tornar viável, apesar de todas as restrições.”

Geórgia Cynara (mediadora): “Obrigada, Caio! Então vamos ao Otávio! Otávio, como é possível adaptar aquela nossa ideia, aquele nosso argumento para participar aí do edital de argumentos do Trama, para gravar com proteção depois... Como é que é possível adaptar as nossas ideias a essa nova realidade. Bom dia, de novo!”

Otávio Chamorro: “Bom dia, fica a pergunta: 'Será que é possível, adaptar?'... Eu vou tentar responder... Primeiro, eu estava lendo junto com os protocolos, para participar aqui do evento, alguns manuais de boas práticas, que não são apenas vinculados a medidas práticas sanitárias, desenvolvidas por técnicos de segurança do trabalho, por exemplo, que são questões... Máscara, arquitetura do set, álcool em gel... Todas as questões desenvolvidas que entram nos protocolos, tem uma etapa anterior no manual de boas práticas, de um conceito que tem que estar adaptado em um momento de pandemia. Eu li um muito interessante que dizia assim: Independente do protocolo que estiver vigente, lembre-se que isso é um documento vivo. É um documento que é dividido em fases, por uma questão organizacional, para ter o mínimo de segurança inclusive jurídica e financeira. Mas é um documento vivo que pode se agravar ou piorar, dependendo inclusive de novidades da ciência. [...] De qualquer forma, eu particularmente acredito, que os protocolos eles são muito vinculados a um redução de risco, não é que você está garantindo que sua equipe não vá contrair coronavírus. [...] É muito difícil de saber quem transmitiu para quem, também não importa, mas o que interessa, quando você vê, tinha umas proteções laterais entre as pessoas, todo mundo de máscara e tudo leva a crer que foi naquele lugar que todo mundo se infectou. Pelas características da natureza de infecção das pessoas. Então, por mais que se adote os mais rigorosos protocolos, quando por exemplo, você entra em um estúdio fechado e alguém está contaminado, é muito difícil todo mundo não se contaminar. Então acho que isso é uma coisa para gente sempre ter em mente assim... Até que ponto nós estamos estabelecendo protocolos para uma segurança jurídica e financeira ou para uma questão de imagem das marcas, inclusive, de falarem 'nós estamos cumprindo todos os protocolos', sabendo que todos os protocolos não necessariamente vão garantir a saúde das pessoas e até que ponto a gente está tentando garantir realmente a saúde das pessoas. Bom, acho que essa é uma dúvida que a gente sempre tem que ter na nossa cabeça, quando a gente vai decidir gravar. O que de fato a gente está querendo, pensando por exemplo, no técnico,



18 de setembro 10h
**PROTÓCOLOS DE PRODUÇÃO
AUDIOVISUAL PÓS-PANDEMIA**

que pode não ser do grupo de risco, mas mora com um idoso, né? Trazendo uma questão para Brasília, eu falo não como a ABCV, mas como associado da ABCV... Nas discussões dos protocolos, existiram relatos, por exemplo de... Mais no início da pandemia, aquelas lives que tiveram vinculadas a marcas, a artistas que bombaram muito no início da pandemia e caíram um pouco no ostracismo de um tempo para cá... Diminuíram pelo menos o ritmo... De equipes inteiras que se contaminaram. Em Goiás acredito que tenha acontecido também. Essas lives entraram em uma outra questão, de romper as boas práticas de publicidade. Também tem um caso emblemático de uma propaganda de bebida velada dentro de uma live. Então esses novos modelos de produção acabaram, de certa forma, virando 'terra de ninguém', entre aspas, porque mudou-se de uma hora para outra todo o modelo de produção e tudo que se investia em um determinado lugar, passou a se investir em outro, enfim. Criou-se ali uma corrida para conseguir... Não apenas conseguir produzir, mas para conseguir transformar essa produção, dentro da pandemia, em um modelo de negócio. [...] E tem um caso, recentemente, de um produtor de Brasília que foi detectado com Covid, então vai ter que testar as equipes, que nos últimos dias trabalharam para descobrir quem mais está infectado e tal... Eu queria trazer aqui, umas experiências que eu fiquei sabendo ou que já estão no ar, do que foi feito durante a pandemia, além dessa produção doméstica, eu não vou chamar de caseira, doméstica porque é feita dentro de um domicílio, por mais elevado nível profissional ou não. Um foi um caso de um filme que, pela natureza do roteiro, pela natureza da história, já estava tudo programado para ser dessa forma... Foi um filme que isolou-se o elenco e a equipe por tantos dias, em um lugar, em uma fazenda... Ficaram lá vários dias na pré-produção, ninguém manifestou sintomas, equipamentos estavam lá, tudo que tinha que vir de fora estava lá dentro... E fizeram o filme. Como se de fato não houvesse nada no mundo exterior, sem precisar de máscara por exemplo. Porque criou-se ali um microcosmo de segurança, que não faria o vírus entrar naquela pequena aldeia temporária, naquele set temporário de produção. Uma experiência muito parecida, que até o Caio citou, essa série que estreou semana passada na globo, se não me engano, que se chama Amor e Sorte. Que eu assisti o episódio primeiro, que é com a Fernanda Torres e Fernanda Montenegro, que é uma família de artistas e profissionais dos bastidores do audiovisual, que se isolaram, se apartaram para produzir um curta-metragem... Um média-metragem de quarenta minutos, salvo engano.[...] Então o modelo de produção foi o que fez o roteiro engatilhar. Então esses dois casos, eles tiveram o mesmo efeito, o mesmo resultado, mas eles partem de um lugar diferente. Um foi 'nossa história permite que seja feito durante a pandemia' e outro foi 'vamos criar uma história por causa da pandemia'. Aí, nós entramos depois no campo da adaptação, que também está disponível... Uma reportagem longa, até do Fantástico, sobre produção das novelas. Que por exemplo, Amor de Mãe, a primeira cena, eles dizem isso na reportagem, vai ser a Lourdes... A Regina Casé, produzindo máscaras de proteção na máquina de costura dela. Então tem esse terceiro caso do que pode-se incorporar, né? A covid em uma produção que já estava acontecendo. E esse é o desafio maior, da maior parte das produtoras que estavam andando com projetos já feitos. Como por exemplo séries, em específico aqui, estavam com o roteiro... Estavam para se fazer, aconteceu essa pandemia, e aí? O que a gente faz? Nós adaptamos nossa história para gravar, nós seguramos, esperamos ver o que vai acontecer... Que foi, eu acho, a primeira reação de todo mundo porque, não só pela autorização de protocolo, mas porque é muito mais caro, difícil, complicado, você readaptar uma história sem saber exatamente como é que vai estar o mundo daqui a três meses. Apostou-se muito em muita coisa que não aconteceu. Fica aqui a pergunta de quem que vai pagar a conta, porque independente do que aconteça, eu citei o caso da novela por exemplo, o que se diz é: gravamos uns 6 capítulos por semana, agora estamos gravando dois. E a gente está falando de uma referência de capacidade de produção... A maior capacidade de produção que o Brasil tem e lá mostraram os



18 de setembro 10h PROTOCOLOS DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL PÓS-PANDEMIA

testes, têm atriz que agora ela é que aplica a maquiagem... E a vem a pergunta: E os técnicos que não estão podendo trabalhar durante a pandemia? Como é que a gente vai criar um ambiente para garantir o sustento de toda a cadeia produtiva? [...] Então são várias opções artísticas que podem acontecer, para que você consiga driblar o risco de uma contaminação. Driblar no sentido de reduzir o risco dele. Tem um caso que eu achei interessante também, que foi na Sic TV, que é uma emissora de Portugal, que mostrou a retomada das novelas dessa emissora, que uma das novelas incorporou o tema e a outra novela não. Como que isso impactou nas duas, né? Nas duas produções... Porque a que incorpora acaba se facilitando, porque ela incorpora na sua narrativa o protocolo. Se eu estou incorporando o coronavírus na minha narrativa, eu estou colocando máscara e álcool em gel no meio da história e posso ir desinfetando o tempo inteiro, e aquilo vai ter um impacto menor do que aquela tentar a todo custo... Fazer de tudo e ter beijo entre os atores... E como é que isso vai ser feito? “

Geórgia Cynara: “Então, eu tenho algumas perguntas... Assim, a gente retoma as falas, vou convidar o pessoal... Porque o que acontece, gente... Caio e Otávio... Estamos aqui em um público maioria... Majoritariamente universitário, então... Pertencentes ao curso de Cinema e audiovisual, a nossa unidade, onde funciona o curso está fechada desde março e assim, né? Já existe uma sinalização do governador que a gente só retorna às atividades presenciais com a vacina, mas eu acredito que isso não vai deixar de... Apaziguar tanto o medo das pessoas de entrar em um laboratório de imagem e som, né? Então eu fico me perguntando até que ponto, pensando nesse ambiente educacional, onde os equipamentos passam nas mãos de várias pessoas, de vários alunos, onde a gente tem ambientes fechados, onde funcionam essas práticas, como é que a gente pode adaptar alguns procedimentos disponíveis nesses protocolos, né? Eu acho muito bacana a suas sugestões, as histórias que você conta Otávio. Como adaptar as ideias, os caminhos possíveis? E aí eu queria antes retomar... Voltar ao Caio, para pensar os principais procedimentos que têm sido adotados, porque aí no Rio de Janeiro, por exemplo, as gravações já estão acontecendo... Publicidade voltou a algum tempo, né? Lá no fórum brasileiro de escolas de cinema e audiovisual, o Forcine, já havia essa discussão, né? De protocolos para a retomada das aulas práticas de cinema e audiovisual. E aí, inclusive, um dos professores que falou lá... Ele falou que é preciso que os profissionais retomem, vejam o que dá certo e o que não dá, né? Para que as escolas possam retomar as suas aulas com maior segurança. Então, passo de novo para o Caio, para ele falar um pouco do que tem acontecido na prática, nesses sets, viu Caio? Se for possível para você... Os principais cuidados, né? Enfim, retomar essa parte e aí, passo para o Otávio contar mais algumas histórias para gente, tá bom?”

Caio César Loures: “Perfeito. Aqui no Rio, inicialmente, a pressão era da parte das produtoras de publicidade, principalmente. Na verdade até a pressão maior veio de São Paulo, o mercado da publicidade é mais forte lá. Mas neste momento estão retornando as produções de conteúdo, então atualmente tem algumas experiências da TV, né? Que retomou a teledramaturgia, algumas adaptadas desde a narrativa, né? Mas outras foram feitas, inclusive em parcerias com produtoras, né? A Globo tem o Sob Pressão também, que é uma produtora independente, é uma coprodução e nesse caso, foram tomadas todas as medidas de segurança, com acompanhamento dos sindicatos, que autorizaram nessas condições. As universidades, em geral estão ainda mantendo suspensas as atividades presenciais que não estejam diretamente ligadas ao combate à pandemia. Então, no meu setor, a rádio UFRJ mantém toda uma programação na cobertura sobre a questão da pandemia. Tem um programa de TV também em parceria com a TV ALERJ... Está sendo desenvolvido na área da saúde e na área social, também sobre essas várias questões que surgem com a pandemia. Então



18 de setembro 10h
**PROTOCOLOS DE PRODUÇÃO
AUDIOVISUAL PÓS-PANDEMIA**

em ambas as experiências, no caso do programa de TV... Tem atividades presenciais, mas com todas as restrições e no caso da rádio, estamos priorizando as atividades remotas, de casa. Então nós preparamos alguns kits de equipamentos, né? Foram adquiridos gravadores compactos, com microfones que são mais fáceis de operar, sem necessidade de um profissional e com todo um protocolo também de limpeza, de desinfecção, para troca desses materiais, mas não há o compartilhamento entre pessoas ainda. Isso é muito importante porque os equipamentos eletrônicos são muito sensíveis, né? Eles não foram feitos para serem submetidos a esses processos de desinfecção e o uso de sanitizantes. É só ver a diferença de um equipamento feito para um hospital... Um monitor de hospital tem mais resolução? Não necessariamente. Ele é muito mais caro porque foi feito para receber esses produtos. Então a maioria de nossos equipamentos não são preparados... Nos protocolos, a gente não tem nenhuma exigência de algum produto específico, mas pelo aqui no Stic/Sicav tem a recomendação, por obrigatoriedade, de utilizar sanitizantes certificados e autorizados pela Anvisa. Mas muito desses sanitizantes estragam os equipamentos. Então tendo circuito, tendo componentes eletrônicos ou metais, não se pode usar nada diferente do álcool isopropílico 100%. Mas aí vem a questão, o 100% não é usado em laboratório, ele é volátil, né? Ele evapora muito rápido, então por isso se recomenda o 70%. Mas esses 30% aí são água, que oxida esses materiais, então surgem todas essas questões, né? Agora qualquer álcool acima de 46 mesmo, já danifica as superfícies, os revestimentos, né? Então temos que buscar alternativas. Uma alternativa é quarentena, é isolar o equipamento, dependendo do tipo de material. O vírus pode durar 3, 4, 5 dias... Então seria uma primeira alternativa, né? Teria maior espaçamento entre as utilizações. A gente sabe que isso é um problema para as universidades, muitas não tem sequer um almoxarifado... E tem pouco material, não tem tantos sobressalentes assim, para ter esse revezamento. Mas com limitações e com esses cuidados, pode ser um caminho. Priorizar as externas e evitar os equipamentos que tenham um contato com pessoas diferentes. Então meus colegas técnicos de som ficam muito preocupados com o que vão usar no gravador... Mas quem usa o gravador? Só o técnico, então não é um problema. O único equipamento de som que tem contato com o elenco é o microfone de lapela e vai ser colocado por um assistente que pode usar luvas de procedimento, pode usar máscara, face-shield, conforme os protocolos que recomendam e ninguém mais toca no microfone. Então não precisa ter contato direto com o ator. O vírus não sai andando, né? Então o microfone está ali, escondido no figurino... Está em segurança. Agora uma claquete, que vai passar pelo assistente de direção, pelo continuísta, aí tem que ter um cuidado maior de limpeza... Mesmo a claquete eletrônica, geralmente circuito é localizado, então, é só evitar o contato direto, né? Não borrifar a distância, para não expor a parte eletrônica. Agora tem equipamentos que não tem como... As câmeras por exemplo, as lentes, tem colas internas que dissolvem. Elas realmente não foram feitas para isso, né? Então os fabricantes não se posicionam. As pessoas estavam com expectativa que os fabricantes dessem uma resposta: 'Isso é eficaz', 'isso é seguro', mas por um lado o vírus é muito novo, ainda tem ensaios laboratoriais suficientes para certificar o que é eficaz ou não, contra esse vírus especificamente... No início não havia, né? Hoje já temos mais informações. Do outro lado tem os fabricantes que não vão arriscar dar essa resposta porque eles não tem a certeza sobre a eficácia e eles sabem que esses processos de desinfecção não são seguros para os materiais. Então como o Otávio falou, tem os manuais além dos protocolos e depois as associações de departamento elaboraram seus próprios manuais com recomendações mais específicas. Esses documentos não são oficiais, não são validados por autoridades, por governos, como foram os protocolos de sindicatos, mas eles partem de uma pesquisa ampla também, de revisão de literatura... Sobre os cuidados específicos. E a gente vê uma infinidade de demandas, né? Então a maquiagem tem acessórios e produtos que ficam em contato direto com os atores, têm o cuidado diferente,



18 de setembro 10h PROTOCOLOS DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL PÓS-PANDEMIA

não pode usar um álcool, uma espuma, um pincel, que vai estragar. Então estão buscando alternativas. Mas no meio disso também surge muita oportunidade de mercado, muitas soluções mágicas! A gente viu aí produções que já estavam usando túneis desinfetantes ou túneis sanitizantes, com pulverização de hipoclorito, de álcool. O que a própria Anvisa publicou uma nota técnica condenando essa prática, que não é segura para as pessoas, não é segura para as roupas, para os materiais, né? E não tem eficácia nenhuma, porque tomar um banho de água sanitária pode limpar a roupa, mas a pessoa que está infectada, daqui a 5 minutos está respirando, está falando... Então pode contaminar novamente. Mas algumas produções já estavam usando esses túneis infláveis, com dispersão de produtos para pessoas e até para cases também. Então tem algumas empresas que já lançaram soluções de ozônio, de lâmpada ultravioleta, que são também perigosas, são alternativas que trazem riscos, né? O ozônio é extremamente tóxico, na concentração necessária para ele ter alguma ação contra o vírus, ele é tóxico para os humanos. Então não é recomendável. O nosso protocolo Stic/Sicav nas referências bibliográficas, tem todas essas notas técnicas e de documentos, de normas e alguns artigos científicos que alertam sobre esses riscos na segurança ou não. E uma preocupação até maior é do efeito placebo, né? Mas a sensação de segurança falsa... Sensação falsa de segurança. Então a gente tem trabalhado muito nessa busca de alternativas, de recomendações mais específicas. As associações estão organizadas e mantendo esses documentos sempre atualizados. Tem experiência do Sated de São Paulo, que fez um protocolo específico para o elenco, considerando as especificidades da profissão. E com recomendações mais específicas. Tem a experiência do Rio Filme, e da Spcine, que são agências de fomento ao audiovisual que elaboraram protocolos para filmagens externas, na perspectiva de liberação dessas produções em ambientes abertos e áreas públicas, também com recomendações específicas. Então acho que é um desafio, para a gente pensar nas universidades. A condição de retorno em segurança e com todas as limitações, as dificuldades que a gente já tem nas universidades, especialmente as públicas. Só um exemplo, né? Quando a gente adquiriu esses equipamentos para a rádio UFRJ, foi uma dificuldade enorme de conseguir no mercado, porque estava desabastecido desses equipamentos, por causa dessa febre de lives, de youtubers... Os equipamentos mais simples, mais de linha de acesso, eles simplesmente sumiram do mercado. Então é difícil encontrar hoje um microfone de lapela compatível com um celular e estão muito caros. Então para as universidades públicas é ainda mais difícil, né? Seguindo a legislação... De conseguir adquirir de fornecedores que atendem as todas as exigências e que participam de licitação, que tem todas as certidões. Então isso é uma questão também de planejamento, de conseguir prever essas necessidades para uma aquisição futura, já na perspectiva do retorno.”

Geórgia Cynara: “Obrigada, Caio! [...] Sobre a tendência de redução das equipes, né? E sobre o aumento de custos de uma produção.”

Otávio Chamorro: “O aumento de custos... É uma senhora questão. Primeiro que queria falar que eu uso esse truque da superfície, passei a usar em algum momento em casa, as vezes eu fico com compra, eu sempre ponho ali em uma sacola coisa que eu sei que vou usar daqui a uma semana e a sacola eu ponho direto assim, em um quartinho...”

Otávio Chamorro: “Eu deixo uma semana... Uma hora... É gasto mais tempo limpando as coisas do que, de fato, comprando no mercado. O novo normal é esse, gastar um tempo higienizando as coisas. [...] Falando em minha experiência, tem a questão de que o Caio falou, só um alerta, inclusive para quem não está vinculado diretamente aos sindicatos que a gente está citando, né? Que muitas das coisas não são nacionais. Elas são locais e elas partem de um princípio de... Em que nível da pandemia, do isolamento, o teu estado, o



18 de setembro 10h
PROTÓCOLOS DE PRODUÇÃO
AUDIOVISUAL PÓS-PANDEMIA

seu município determinou, né? Então existem regras que podem ser que, em no lugar de quem está assistindo, sejam bem mais rigorosos do que algumas que a gente está citando, inclusive de não faça, não grave, de jeito nenhum. E hoje é mais fácil de descobrir os próprios protocolos, eles já dão caminhos para que sejam descobertos. Sobre o encarecimento, que é o bom e velho 'quem paga a conta'. A gente já vem... Não é março deste ano, que a gente passa por um sucateamento, por uma dificuldade da produção de uma maneira geral, né? Então, por exemplo, eu estou envolvido em séries... Produtos que estão aguardando um financiamento desde 2018. [...] Vocês sabem o contexto catastrófico que passa a cultura do país, independente da pandemia ou não. Mas entrando acho que no assunto específico da pandemia, tem uma coisa que o Caio falou agora, na minha pesquisa de protocolos, eu estava vendo sobre a relação produção com fornecedores. Primeiro porque a produção, não é apenas organizar aquelas pessoas e tudo vai fazer ali, você vai depender de no ato das gravações, virão uma série de coisas, inclusive equipamento... Tem um manual de uma locadora de equipamentos específica, que lá ela menciona, por exemplo, 'se gravar nos nossos estúdios, não pode trazer equipamento de fora, tem que alugar o nosso'... 'Se você pegar nosso equipamento e colocar raio ultravioleta, ozônio', 'na na na'... 'Nós vamos te cobrar uma taxa e ela não vai ser barata', 'está proibido de usar esse tipo de produto no nosso equipamento', 'você tem que limpar com produto que nós fornecemos'... Então as empresas fornecedoras também, em especial as mais robustas, se mexeram, não só para garantir que não vão ser danificados equipamentos, mas para vender para o mercado que 'nós' estamos nos preocupando com isso. Porque quando a gente fala em pagar a conta, é muito vinculado com essa posição de marca. Estão sendo valorizadas as empresas que estão oficialmente se posicionando como 'acreditamos na ciência', 'acreditamos no protocolo', 'o protocolo é importante', 'estamos tomando conta disso'. Já foi citado aqui, inclusive, uma produção que teve um problema de imagem muito grave no mercado, passar por cima de tudo estava sendo discutido, inclusive entrando nos campos de ilegalidade, né? Perguntando sobre sorologia das pessoas, por exemplo, o que é proibido por lei. Então quem nada contra a maré, não só uma questão de ficar mais barato, mas é uma questão de 'se isso se torna um problema polêmica'. Hoje em dia a gente sabe que uma polêmica, por menor que seja, ganha proporções que podem realmente atrapalhar a vida financeira de um empresa. Então acabou virando, mesmo que a contra gosto, quase que uma obrigação, se posicionar. Existe, não uma média, mas eu ouvi de um produtor, que varia muito da natureza do projeto, claro, nós estamos falando em uma ordem de 20% a mais nos orçamentos, por conta do fator Covid... Em alguns casos um pouco menos, mas em muitos casos, muito mais. Em especial quando você pensa que por conta das limitações de horários... Ficção por exemplo, tem muito dia e noite, que você vai separar, mas que algum momento aquilo você não vai conseguir fazer como se fazia antes, de emendar parte de dois turnos em uma diária só... Isso agora não pode ser mais feito, dependendo da fase que você está e tal... Esse aumento do custo, ele tem um problema grave inicial, que é quando você aprova um orçamento em edital público, seja por fomento direto ou indireto, alterar esse orçamento, solicitar mais valores, ou é impossível ou é muito difícil. Então muita gente está tentando adaptar com o orçamento que tem, incluindo o fator covid, adaptando uma realidade de produção. O que pode envolver também diminuição de salários e cachês, o que é um problema em uma estrutura que já estava um pouco mais defasada, né? Vindo do fator pré covid. [...] A gente sabe que é realmente mais caro, mas custoso todo o fator pandemia, não é só fator higienização para não se contaminar, mas o fator isolamento social. Talvez este seja hoje o maior problema que nós vivemos, que é em uma quebraadeira que nós temos econômica no país, por conta do isolamento e da gestão do isolamento em especial. Por uma questão, quando você olha e pensa que mais da metade dos brasileiros em idade de trabalhar, não estão trabalhando. Acho que esse



18 de setembro 10h PROTOCOLOS DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL PÓS-PANDEMIA

contexto econômico tem também cerceado muito a produção, porque tudo o que pode ser adiado foi, está nessa questão de insegurança jurídica e segurança econômica, que impedem pessoas de investir mais recursos em uma produção audiovisual. “

Geórgia Cynara: “Obrigada! Pensando na nossa realidade, aqui da UEG, né? Existe essa dificuldade histórica de adquirir equipamentos, de ter uma estrutura compatível com produção audiovisual, que a gente vem contando com a competência da coordenação do curso, dos responsáveis pelo laboratório de imagem e som... Mas é um esforço localizado, né? A gente precisa sempre lembrar a universidade que o audiovisual é caro de se produzir. Então a gente já tem um cenário de precariedade histórica, que não é nosso só, mas da universidade pública brasileira. Que nos convida a soluções criativas. Agora a gente tem a pandemia que também nos convida a soluções criativas. Então gente, é a hora da gente ficar gênio, em produção audiovisual, é agora, né?! Assim, quebrar cabeça para buscarmos juntos essas soluções. A Camila Nunes, nossa egressa, produtora, tem uma aqui uma série de perguntas... Vou tentar resumir aqui, fiquem a vontade Caio e Otávio, para poder comentar, tá? Sobre a questão da insegurança jurídica que o Otávio comentou, né? A Camila comenta que eles estão fazendo ali, uma obra, e estão em pré-produção pelo o que eu entendi, ela está conversando com advogado na área e alguns profissionais de saúde. Mas ela sente falta de um profissional que realmente consiga ajudá-la a tomar algumas decisões. Quem afinal de contas vai poder prestar essa consultoria? Essa é a primeira pergunta. Vou jogar algumas aqui e aí, quem puder, comenta. Aí ela comenta que o protocolo do Sicav virou bíblia para ela, ou seja, os produtores estão estudando os protocolos, ela diz que tentou reduzir a equipe ao máximo, mas ela ainda está grande... Ela tem notado algumas soluções de alto custo, então ela está procurando formas de segurança mais baratas, pensando na realidade nossa aqui e pergunta se vocês tem alguma sugestão, de formas seguras de reduzir equipe de forma mais barata. Ela pergunta se deve pensar em um rodízio dessa equipe para não aglomerar o set? Com que frequência ela deveria fazer os testes de covid na equipe? Além das máscaras, a equipe deveria usar roupas específicas? E o manuseio dos equipamentos? Definir só uma pessoa? Acho que o Caio, de repente, se quiser comentar, né? Ele estava comentando sobre isso um pouco antes. Enfim, são essas as dúvidas, acredito que de bastante produtores por aí!”

Caio César Loures: “Perfeito. Até voltando um pouco só nesta questão da produção, uma saída que eu vejo também é a das parceiras, né? A gente na UFRJ teve em 7 de Setembro a comemoração de 100 anos da universidade e teve uma apresentação da orquestra. Então essa apresentação foi gravada alguns dias antes, seguindo todas as recomendações do grupo de trabalho da Covid-19, ligado a reitoria... Então uma delas era justamente a testagem. A solução... Adquirir a testagem nos laboratórios seria inviável, mas a universidade tem um centro de triagem e diagnóstica, que é ligada ao centro de ciências da saúde... Então foi feita uma parceria para que esse centro de triagem pudesse realizar os testes, para garantir que todos aqueles músicos estariam naquele mesmo espaço, e não estariam infectados de forma assintomática. [...] Aí essa questão da testagem deveria ser inicial, como experiência das plataformas de petróleo, por exemplo, elas fazem a testagem antes, a pessoa fica 2 semanas, ou 10 dias em alguns casos, em um hotel com um médico todo dia entrando. Apenas um médico entra no quarto para verificar os sinais vitais e para testar a saúde do profissional. Não tem serviço de quarto, nada do tipo e um segurança na porta para garantir que a pessoa não saia para passear. Então essa é uma experiência mais radical. Então os protocolos recomendam a testagem, com essas testagens de PCR, RT PCR... Que são métodos que têm uma alta especificidade e tem um baixo índice de falsos negativos. Então essa é a recomendação, mas os protocolos também lembram que não basta



18 de setembro 10h PROTOCOLOS DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL PÓS-PANDEMIA

só fazer o teste. O simples resultado do teste não é decisivo, tem que ser avaliado por uma equipe médica. O profissional mais competente para pensar isso e pensar a implementação do protocolo, é um técnico de segurança do trabalho, mas os sindicatos então a disposição para orientar, inclusive juridicamente. Todos os sindicatos têm uma consultoria jurídica que pode orientar. Sobre a segurança jurídica... Isso é uma questão realmente, porque as apólices de seguro já excluem epidemias, quanto mais uma pandemia nesse nível mundial. Então as grandes seguradoras, que seguravam as produções de hollywood mesmo, não cobrem. Isso ainda está um pouco na zona cinzenta da segurança jurídica. É uma questão sim e é uma coisa que poderia trazer mais custos para a produtora. Um vez que o judiciário reconheceu contaminação pelo coronavírus como doença ocupacional, desde que comprovada essa vinculação ao trabalho. Então a responsabilidade acaba sendo do contratante, mas tem muita coisa ainda indefinida. Tem produtoras que estavam não só exigindo formulário, que a pessoa declara se tem ou já contraiu o vírus, ou se tem casos na família... Esse convívio com pessoas em grupos de vulnerabilidade... Mas além disso, tem produtoras exigindo que o profissional tenha um plano de saúde... Tem de tudo, né? Tem produtoras que só contratam quem já fez o teste de forma particular, com recursos próprios. Então é importante que esses casos sejam denunciados aos sindicatos ou ao ministério público do trabalho. Em uma situação de um set inseguro ou de set que não esteja cumprindo as recomendações, que isso seja comunicado imediatamente. Os sindicatos têm essa função de também fiscalizar as produções. Uma vez que os protocolos foram assinados por ambas as partes. Tanto o sindicato laboral quanto o patronal... Então as produtoras devem respeitar essas definições dos protocolos todos.”

Geórgia Cynara: “Obrigada, Caio! Otávio, quer comentar?”

Otávio Chamorro: “Eu quero. Eu não sei a estrutura toda da universidade, se tem de alguma forma... Alguns dos cursos poderia dar uma contribuição um pouco mais prática, né? As universidades as vezes tem isso, né? De você ter, por exemplo, o curso de química, biomedicina que pode... Ou propriamente medicina, que poderiam colaborar nessa parte de tentar manter ao máximo a segurança de um set de produção. Técnico de segurança e saúde do trabalho eu acho que, como o Caio mencionou... Se você colocar essa expressão no Google e o nome da sua cidade, certamente apareceriam algumas opções de quem você pode procurar, para ter um profissional que foi especializado em tentar garantir ao máximo a saúde e segurança de uma equipe de trabalho. Sebrae, Sesi, Senai... São instituições que zelam muito pela qualidade de vida. Com o seu público alvo, digamos assim, mas também oferecem, as vezes, parcerias com institutos de ensino, que poderia também, às vezes, ceder... Ou ceder uma consultoria para determinada produção. Eu falei mais cedo sobre criatividade, tem um episódio que eu pedi para colocar aqui no chat, que é da série Modern Family, que chama 'connection lost', que foi um episódio para divulgar um Iphone... Não lembro qual, o 8 talvez... Bem antes da pandemia, mas tem uma coisa interessantíssima, que é um episódio todo gravado em tela, como a gente está aqui agora. É Modern Family toda por tela, não teve gravação... Não gravou assim, o cenário sim, mas o episódio, a prática dele foi toda... O que foi ao ar foi uma tela de macbook... Com um Iphone, Ipad entrando no meio do caminho dos outros personagens, o texto... Aquilo foi para mim, uma aula, que eu guardo... As vezes eu volto a assistir aquele episódio dessa limitação. Um episódio que se passa inteiro, mantendo a linguagem da série, em uma tela de macbook. Quem não conhece, eu sugiro assistir alguns episódios e depois assistir esse, para entender como que a natureza de cada personagem acabou sendo posta dentro daquela tela. Como um exemplo - acho que um bom exemplo - da limitação sendo usado a favor da criatividade.”



18 de setembro 10h
**PROTÓCOLOS DE PRODUÇÃO
AUDIOVISUAL PÓS-PANDEMIA**

Geórgia Cynara (mediadora): “Obrigada, Otávio! [...] A gente está aqui, sempre em contato com outras universidades, dentro de um fórum, a gente se associa aí ao sindicatos, quem puder, né? Enfim, a gente tem aí vias para poder buscar informações e buscar pensar juntos em como fazer essas produções com segurança.”

Caio César Loures: “Sobre essa questão das roupas, isso foi muito debatido e em geral não é necessário. Não vai proteger, até porque o vírus está presente na respiração, na saliva e entra por essas mesmas mucosas, né? Então havia toda uma questão... 'o microfone de lapela fica em contato com a pele'... Tá, mas o vírus não passa pela pele, não passa pelo suor. Então nos protocolos o que se recomenda sobre roupas, é em situações que a locação seja evidentemente insegura ou sem as condições de sanitização, sem a possibilidade de aplicar os produtos, né? Em alguns manuais específicos das categorias de departamento, também se recomenda no trabalho, por exemplo da arte, com objetos de cena que vem de fora, então para fazer a limpeza desses objetos também se recomenda usar o avental ou o macacão, de forma a evitar essa contaminação cruzada. Sobre o manuseio de equipamentos, no som por exemplo, a gente recomenda que somente o assistente... O segundo assistente, que lida com os microfones de lapela, tenha contato com eles. Da mesma forma, só o técnico tenha contato com o gravador, com os materiais que ele usa diretamente. Agora a questão dos cabos... Então, o ideal é que fique um profissional em função disso e sempre que possível, evitar. Dar preferência aos transmissores sem fio, que encarecem demais a produção, mas quando for possível, é menos um risco de contaminação. A gente está sempre trabalhando na redução de danos, né? Porque os riscos são muitos e tudo o que a gente conseguir evitar, torna os set mais seguro. Sobre custos, eu não sei quais soluções que a Camila se referiu, mas tem algumas coisas no mercado que são as cloroquinas, né?! Tem coisas caríssimas, como falei o UVC, o ozônio... Que não tem eficácia comprovada e nem segurança. A lâmpada UV traz riscos à pele, aos olhos, ela produz o gás ozônio, que é tóxico... O gerador de ozônio muito mais, né? E tem muita soluções caras que estão surgindo por aí que nem mesmo são seguras. Os EPIs, no nosso protocolo Stic/Sicav, há exigência que seja N95, porque a máscara PFF2, né? Ela é a única que tem esse nível de segurança e a máscara de pano, artesanal, ela não é EPI. Então para ser EPI, tem que ter uma certificação, então não pode nem chamar de equipamento de proteção individual.”

Geórgia Cynara (mediadora): “Obrigada, Caio! Desculpa, a gente está sem tempo! Se você puder se despedir... Mas enfim gente, o Caio está super acessível, o Otávio também, né? Quaisquer outras dúvidas, com certeza a gente vai acioná-lo... Então por favor despeçam-se!”

Otávio Chamorro: “Então beijos, gente! Muito obrigado... Deixa eu já me despedir... Muito obrigado por tudo, todo mundo que falou... Qualquer coisa manda mensagem que eu respondo sobre questões de criatividade e tudo mais!”

Geórgia Cynara (mediadora): “Obrigada, Otávio! Caio.”

Geórgia Cynara (mediadora): “(ininteligível) Foi lindo! Obrigado, viu gente! E é isso. Acompanhem a programação da UEG TV e viva a SAU!”